

candência dos seus tons ricos de côr amortecida.

Há na tela preciosidades tão raras de colorido como no mais subtil e arcaico dos esmaltes, como no azulejo ou faiança mais trabalhada pelo tempo, na sêda mais patinada de arcaismos: e a pincelada, ampla e forte, ou então cariciosa e invisível, tem inspirações súbitas, na magia musical desta laca preciosa. Mas o retrato desaparece nesta página tão sugestiva; é apenas um elemento dela, um elemento como os outros; e na memória nem mesmo consegue fixar-se, porque não centraliza a síntese de efeito, não é uma alma irradiante palpitando no centro da tela.

Todos os retratos de Columbano, quando felizes, são assim; porque, quando infelizes, são apenas falhadas aberrações, em que uma fisionomia morta parece fixa num esgar agónico, com a ossatura amolgada num desastre, ou vazia de sangue, como após uma hemorragia (retratos de Junqueiro e de Feijó, no Museu do Pôrto).

O retrato de Carlos Lopes, por exemplo, um dos melhores de Columbano, página magistral de factura, é simples cabeça vazia de alma sôbre uma toga realizada com virtuosidade difícil, em que o artista vence, com arte e perícia, uma dificuldade áspera e ingrata; e o mesmo sucede com o retrato de João Rosa, com o de Rafael Bordalo: por tôda a parte, nestas naturezas mortas, o retratado está ausente.

Talvez porque, fatigado do excessivo número de poses que o artista exigia (30 por vezes), o modelo amolecia num aluimento interior, que retira a vida da superfície, que afrouxa a mobilidade da máscara e a faz vazia de alma e de expressão; talvez porque o artista na realidade se deixasse arrastar insensivelmente pela sua visão e pela preocupação do seu maneirismo: provavelmente por tudo isso ao mesmo tempo.

Seja como fôr, é sempre o caso do célebre conto; porque, enquanto o snobismo super-transcendente de certos literatos ultra-requintados vêm nos retratos do artista subtilezas psicológicas e penetrações de alma que nunca existiram, o público, rude e franco, diz apenas que os seus retratos «são obras de arte, certamente, mas sem semelhança nem alma». E é o público que tem razão. Bastará comparar qualquer das máscaras pintadas pelo artista com uma qualquer de Holbein ou um carvão de Sequeira: a máscara, reduzida ao essencial, concentra em síntese a vida interior e exprime directamente, numa focagem de lente que faz convergir os raios anímicos: — o olhar directo e agudo perturba, segue-nos e por vezes jamais esquece.

No seu próprio auto-retrato, hoje no Pitti, Columbano leva ao paradoxo o seu sistema, pois se diria apostado em exagerar nêle a sua tendência habitual, apresentando-nos uma efígie, que é em tudo a negação psicológica do autor.